

T8/LES237/ESALQ/USP – “A identidade cultural desafia a globalização: O desabafo dos agricultores franceses” (Moruzzi Marques & Bleil, 2000)

Victoria Bastos D’Araujo – 9816375
Com contribuições dos grupos e do professor

O artigo de Moruzzi Marques e Bleil (2000) trata de forma histórica a resistência francesa em relação às ameaças que pesam sobre sua cultura alimentar, abordando, desde suas origens, a luta camponesa contra a globalização. Os autores iniciam esta discussão apresentando José Bové, sindicalista francês, representante dos agricultores que se opõem a malefícios da globalização na França. Convém lembrar que José Bové chegou inclusive a vir ao Brasil, para lutar ao lado do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) contra os transgênicos (Traumann, 2001).

Com efeito, Bové participou de uma das ações mais conhecidas da *Confédération Paysanne* (Confederação Camponesa, CP), em 1999: a desmontagem junto com outros sindicalistas de uma unidade do McDonald’s na cidade de Millau. Este protesto se justificava pelo descontentamento dos agricultores franceses diante da sobretaxação, pelos EUA com apoio da Organização Mundial do Comércio (OMC), de produtos típicos franceses (queijo roquefort, *foie gras*, *trufas*). Esta medida dos norte-americanos foi uma resposta ao embargo que a Europa impôs à importação de carne bovina proveniente dos Estados Unidos. A decisão da União Europeia se sustentou no princípio de precaução, visto que uso de anabolizantes hormonais para a engorda de gado bovino nos EUA não sofre restrição, mesmo com suspeitas de que tais produtos tenham efeitos cancerígenos.

O sentimento na época era de incerteza quanto à qualidade dos alimentos consumidos na França. De fato, neste mesmo período, no final da década de 1990, a Europa sofreu com crises de segurança alimentar, envolvendo a doença da “vaca louca”, sobretudo na Inglaterra, a contaminação de frangos na Bélgica e intoxicação de mais de 50 crianças belgas e francesas, hospitalizadas após ingerirem Coca-Cola contaminada (Vieira, 1999).

Segundo os autores, o protesto se justificava, portanto, pelo descaso estadunidense em relação à segurança alimentar e ao princípio de precaução, pois este poderoso país sustenta uma agricultura produtivista, sem observar dimensões ambientais, sociais e sanitárias. Assim, as manifestações da CP contra o McDonald’s simbolizavam uma luta contra a destruição dos valores da agricultura, especialmente familiar, com suas peculiaridades, tradições e qualidades regionais. Desta forma, a CP denuncia a padronização e a banalização do alimento. Portanto, esse protesto simbolizava bem mais do que uma insatisfação contra uma medida econômica, mas uma oposição à “ditadura” norte-americana tanto na alimentação quanto na cultura francesa, refutando a idéia de que tudo pode se tornar mercadoria, como cultura, comida, saúde e educação. Nesta perspectiva, o mercado não deve ser um fim mas sim um meio de conectar os homens.

A luta de Bové lhe rendeu seu encarceramento, o que acabou por chamar ainda mais a atenção aos atos da CP, favorecendo apoios inclusive internacionais. A repercussão foi tamanha que provocou declarações por parte do presidente e do primeiro-ministro franceses da época. Bové, porta voz da CP, acabou por ser libertado no mês seguinte à sua prisão, tornando este período muito intenso em debates sobre o problema agroalimentar.

Os autores então passam a discutir a questão da emergência dessa confederação sindical e sua evolução. Para tal, lembram que a modernização da agricultura francesa ocorreu com forte apoio da JAC (Juventude Agrícola Católica), que passou a reorientar a principal federação sindical agrícola francesa (a *Fédération Nationale des Syndicats d’Exploitants Agricoles*, FNSEA), estabelecendo os alicerces sobre os quais foi construído o modelo agrícola produtivista francês. Sua filosofia se fundava em valores de modernidade, laicismo e democracia.

No período pós-guerra, era praticamente consensual a necessidade de medidas que garantissem a segurança alimentar europeia. A ideia de autossuficiência no abastecimento de alimentos era vista como

essencial para tal propósito¹. Neste sentido, as ideias da JAC se somaram aos esforços do Estado para encaminhar o projeto de “Reforma das Estruturas”, ou seja de modernização acelerada da agricultura, impulsionada sob um processo conhecido como de co-gestão da política agrícola.

Nesta perspectiva, o objetivo foi adaptar a exploração familiar aos “novos tempos”. Assim, foi concebido que somente os agricultores mais aptos à modernização seriam os responsáveis por essa profunda mudança na forma de produção, devendo receber todo o apoio para ampliar suas áreas agrícolas e modernizar seus sistemas produtivos.

Desta maneira, foi implantado um dispositivo de aposentadoria precoce, com a intenção de favorecer a transferência de áreas agrícolas aos agricultores mais jovens. Além desta medida, foi estabelecido um modelo de exploração moderna, correspondendo à capacidade de trabalho de um casal (uma agricultura familiar, portanto) em uma empresa inteiramente mecanizada. Os estabelecimentos que correspondiam a este modelo receberam os apoios da política agrícola.²

Com todas essas mudanças, a produção da agricultura francesa cresceu muito rapidamente. Desta maneira, o objetivo de autossuficiência alimentar foi alcançado, permitindo ainda ao país tornar o segundo maior exportador agrícola mundial. Porém, com a incessante corrida produtivista, problemas ambientais e sociais se agravavam, o que leva a uma crescente contestação do modelo. É assim que nasce um movimento oposicionista dos *paysans-travailleurs* (camponeses-trabalhadores), que comporá ao longo dos anos 1980 a base de origem da CP.

Para explicar as características francesas de resistência camponesa, os autores então examinam as propostas da CP. Com o objetivo de valorizar a essência *paysanne* (camponesa), a CP defende que a agricultura camponesa é capaz de gerar bens materiais (alimento, fibras) e, também, não materiais (paisagens, territórios), integrando três contribuições importantes para a sociedade: uma social, assegurando empregos, permitindo uma ocupação equilibrada dos territórios rurais e promovendo colaboração entre camponeses de todo mundo; uma econômica, relativa a uma produção com alto valor agregado em torno de uma alimentação de qualidade, sem necessidade do ultra-produtivismo e; uma ambiental, de forma a garantir para os consumidores alimento saudável e um meio-ambiente protegido. Estas ideias se associam com a noção de multifuncionalidade agrícola. Trata-se de considerar as funções da agricultura além daquela produtiva, valorizando os “bens públicos” promovidos pela atividade agrícola, tais como a conservação da paisagem, a preservação da biodiversidade, a coesão social, a promoção de bem-estar e de saúde.

Em seguida, os autores apresentam a razão pela qual a França desenvolve sua identidade nacional com uma forte ligação com a agricultura e a gastronomia. O interesse pela origem, composição e modo de produção dos alimentos é notável neste país. Assim, a culinária francesa se caracteriza em grande medida por sua capacidade em explorar a diversidade de sabores e em defender valores rurais e agrícolas, tudo associando prazer e arte. Por outro lado, o francês cultiva o rural, com sentimento quase romântico do *fugere urbem*.³ A relação com o alimento é antes de tudo fundada na satisfação do paladar, associando este prazer ao conhecimento sobre os alimentos, além de seus aspectos superficiais.

¹ Gradualmente, os sentidos em torno da segurança alimentar se transformam, hoje estando mais associados com a qualidade sanitária dos alimentos. É assim que a segurança alimentar europeia atual leva à concepção de políticas que abrangem o campo e a mesa do consumidor, visando a segurança e o valor nutritivo dos alimentos destinados ao consumo humano.

² No Brasil, a modernização da agricultura teve um caráter diferente daquele da França, tanto assim que foi definida como “conservadora”, na medida em que as transformações técnicas não foram precedidas de uma reforma agrária. O foco da modernização no Brasil foi a grande empresa agropecuária. Durante o período ditadura militar entre 1964 e 1984, a modernização agrícola foi orientada pelos princípios da “Revolução Verde”. Esta última foi concebida como forma de aumentar a produção agrícola no mundo através de melhoramento genético capaz de potencializar o uso intensivo de insumos e equipamentos industriais. Efetivamente, a Revolução Verde não resolveu o problema da fome, acabando por favorecer a concentração fundiária, a dependência dos agricultores à indústria e a degradação ambiental.

³ A propósito, grande parte da população francesa (63%), no final dos anos 1990, desejava viver no campo, o que leva a pensar que “a alma do francês é rural”. Este espírito francês pode ser caracterizado também pelo interesse pela culinária e pela defesa de uma agricultura familiar e diversificada. Nesta ótica, uma boa alimentação deve conciliar tradição e modernidade, permitindo inovações.

Desta forma, estas tradições alimentares (a ideia do “sou o que como”⁴ estando bem arraigada nesta cultura) favorecem o apoio aos propósitos da Confederação Camponesa.

Enfim, as tradições camponesas e gastronômicas estão no cerne da construção de ações estratégicas da *Confédération Paysanne* para resistir ao modelo produtivista da globalização. Nestas estratégias, a defesa de uma alimentação mais saudável e diversificada sob a bandeira da soberania alimentar é central. A propósito, o termo soberania aparece pela primeira vez nos escritos de Jean Bodin (1530-1596), com estreita relação com poder e política. Nesta linha, a noção de soberania alimentar se refere à concepção segundo a qual para o povo livre deve ser soberano, o que se estende também à sua alimentação. Nesta perspectiva, a Via Campesina Internacional defende a soberania alimentar como o direito do povo definir as políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo, garantindo o direito à alimentação saudável para toda a população, respeitando as diversidades culturais.

Bibliografia

MORUZZI MARQUES, Paulo Eduardo e BLEIL, Susana Inez (2000), “A identidade cultural desafia a globalização: o desabafo dos agricultores franceses”, in *Estudos Sociedade e Agricultura*, nº 15, Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, pp. 158-177.

TRAUMANN, Thomas (2001). Monsanto quer processar Bové e Stedile por invasão a fazenda. *Folha de São Paulo*, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u14532.shtml>>. Acesso em: 26 maio 2017.

VIEIRA, André (1999). Bolha venenosa. *Revista Isto É*. Disponível em: <http://istoe.com.br/32249_BOLHA+VENENOSA/>. Acesso em: 28 maio 2017.

⁴ Nesse sentido, como destacado pelos autores, a relação entre os franceses e os alimentos que eles consomem não é simplesmente um vínculo estabelecido para fim de suprir necessidades biológicas, mas sim um laço histórico oriundo da cultura do país.